

Singularização de identidades e construção de subjetividades através de proposições em artes visuais

Mariana Binato de Souza¹

UFSM

Viviane Diehl²

UFSM

Resumo: Esta pesquisa tem como temática a singularização da identidade e a construção da subjetividade através de proposições em artes visuais. Foi realizada no contexto da Creche Estação dos Ventos na cidade de Santa Maria, com pré-adolescentes de idades entre 10 e 13 anos. A cultura visual foi abarcada neste contexto como elemento facilitador da mediação e da aproximação dos colaboradores com a temática, pois esta busca relacionar a cultura e as visualidades presentes no cotidiano a partir de um olhar crítico tanto individual quanto em grupo, o que colaborou no processo abordado tanto de identidades quanto de subjetividades. Nesta pesquisa ainda utilizaram-se mecanismos facilitadores para a aproximação dos colaboradores para que fosse evidenciada a possibilidade de singularização das identidades e construção de subjetividades dos adolescentes colaboradores da pesquisa e do grupo como um todo.

Palavras chave: identidade; subjetividade; cultura visual.

Permeando as relações e construções desta pesquisa

A temática desta pesquisa se deu em torno da singularização da identidade³ e da construção da subjetividade⁴ através de proposições em artes visuais. Questiono quais subjetividades pré-adolescentes se produzem no contexto educativo de um processo pedagógico em artes visuais que se propõe a singularizar identidades a partir do reconhecimento dos colaboradores da pesquisa como sujeitos de si.

O local escolhido para a mediação foi a Creche Estação dos Ventos, instituição que abriga crianças de 0 a 13 anos, localizada no assentamento do Km-3, bairro da cidade de Santa Maria – RS. A partir de uma visita ao local, iniciou-se uma reflexão sobre a possível realização de um trabalho em tal instituição.

Trabalhei com o objetivo de confrontar as subjetividades dos colaboradores da pesquisa e promover oficinas pedagógicas em artes visuais, que dessem conta

¹ Autora

² Orientadora

³ Entendo singularização de identidades como uma forma de trabalhar e perceber como cada indivíduo entende-se como sujeito, singularizar este sujeito é uma forma de construir mecanismos que o façam entender como ele se constitui e relaciona-se com o mundo o qual esta inserido.

⁴ A construção da subjetividade se dá a partir da troca com os indivíduos os quais nos relacionamos, sendo assim é algo que se constrói e não depende somente da identidade de cada um, soma-se a de uma outra a fim de que esta troca se estabeleça e se construam subjetividades.

de problematizar a singularização da identidade dos pré-adolescentes, tendo como referência o meio onde vivem.

A cultura visual como um “entre”

As imagens, sendo ou não da arte, podem estabelecer diálogos com a cultura visual de forma a pensarmos não mais como receptores, mas sim como visualizadores, críticos, leitores dessas imagens. Estabelecem também, assim, um discurso entre o eu, ou seja, a identidade, que está constituída de uma carga de diferentes conceitos, histórias, vivências e muda a cada dia, com o que está sendo visto.

Neste estudo, entendo a cultura visual como esse “entre”, conforme elucida Hernández em variados textos, sugerindo que possamos compreender a cultura visual como o entendimento da relação entre eu e a imagem, esse discurso que se estabelece, e a partir daí formarmos nossos conceitos. Através desses discursos, pude construir e experimentar com os colaboradores, a partir das relações de cada um com as imagens, como essas se inserem na vida deles, que produções identitárias através de diferentes linguagens, sendo ou não visuais, puderam se estabelecer a partir deste tipo de dispositivo.

Hernández (2011) posiciona a cultura visual como um espaço que traça pontes no vazio, de uma forma rizomática, entre o que vemos e como somos vistos a partir dessa conceituação, a cultura visual é por mim entendida como uma contribuição que possibilita a mudança do foco do olhar e o desacomodar do lugar de quem vê. A partir daí é possível instigar uma nova percepção, um novo olhar frente às imagens, assim enfatizando a posição que devemos assumir frente à produção de significados e subjetivações que estas carregam.

Relações subjetivas e construções identitárias, o enlace entre o que se constrói e como se relaciona

Promover a singularização da identidade e tratar sobre a subjetividade são questões desafiadoras, pois, além de serem temáticas que abrangem única e exclusivamente as personalidades dos colaboradores envolvidos na pesquisa, necessitam de um envolvimento e de uma abertura de cada um frente às propostas

que possam promover estes conceitos remetendo à vida de cada um dos envolvidos na pesquisa.

Hernández (2007, p. 72) conceitua de uma forma muito precisa e direta o que entende por identidade:

Identidade tem a ver com a caracterização dos indivíduos mediada pela linguagem e determinadas práticas sociais. Portanto, é dada culturalmente e se apresenta como naturalizada e estável, oferecendo elementos de discriminação em relação a grupos com afinidades de gênero, etnia, religião ou pátria.

Entendo a identidade como, além de um elemento construído a partir das minhas relações internas com o mundo, algo fundamental para que cada um possa entender seu papel diante de uma sociedade já construída. A identidade de cada um muitas vezes pode se tornar o reflexo do meio onde o indivíduo vive e atua socialmente.

Segundo Hernández (2007, p. 72)

A noção de subjetividade, pelo contrário, resgata a capacidade de ação dos indivíduos, para adotar um sentido de ser em diálogo com essas posições que lhes vêm 'de fora'. É, portanto, uma maneira de construir-se a partir da reflexão (a tomada de consciência sobre si mesmo) na interação com os outros. Desse ponto de vista, a subjetividade é instável, mutável, flexível e múltipla, enquanto a identidade vem a ser estável, rígida e unívoca.

Portanto, tendo por base que a subjetividade é construída a partir das relações com os outros e consigo (HERNÁNDEZ, 2007), acredito que a mediação pôde contribuir de forma preponderante para a produção da subjetividade do grupo em foco. O trabalho visou, além da singularização da identidade de cada um, manter uma relação com o todo, que trata do construir a identidade coletiva a partir da identidade individual, ou seja, a partir das relações com os outros e consigo mesmo.

Construindo, relacionando e repensando identidades e subjetividades

Trazer ao cotidiano dos colaboradores da pesquisa um olhar diferenciado sobre eles próprios tornou-se um desafio, pois o olhar para si com um olhar crítico e com o intuito de construção e singularização faz-se, num primeiro momento, um pouco complicado, visto que são colocados em questão todos os pontos que nos sustentam e, dentro desses pontos, vemos tanto qualidades quanto defeitos.

Expressões muitas vezes utilizadas pelos colaboradores elucidaram identidades construídas em um mundo paralelo, onde os estereótipos e os

personagens são criados a partir da necessidade de cada um. Podemos perceber os mundos criados e fazer relações com os mundos reais vividos cotidianamente, a fim de percebermos em que momento tais mundos se cruzam e se distanciam.

Os estereótipos podem, muitas vezes, desvendar identidades não reveladas de uma forma tão perceptível. Ou seja, através dos estereótipos, os indivíduos passam a se mostrar de uma forma menos “camuflada”, o que nos permite interpretar essas manifestações e compreender melhor o grupo no qual estamos inseridos.

Durante os encontros, como mecanismo do levantamento de dados, utilizei portfólios que serviram como registros de processos dos colaboradores. Primeiramente, deveriam construir uma capa que pudesse representá-los. Cada colaborador buscou imagens em revistas que levei; procurei revistas que não tivessem tantos personagens e atores da mídia televisiva, a fim de instigá-los a utilizar outras imagens que pudessem dizer de si sem o apelo midiático.

Duas das colaboradoras se expuseram de forma mais aberta, mostrando-se a partir de imagens que diziam muito de cada uma delas. Uma delas fez uma reprodução de sua autoria, desenhou de si para si o que trazia consigo, os seus significados dentro do contexto identitário; a outra mostrou, através dos recortes, um pouco de sua realidade e do que esperava dos encontros. Ambas com uma produção diferente dos outros alunos, que expuseram como imagens de si as imagens midiáticas, as quais passam a ser construtoras de identidades de grande relevância numa fase em que acreditamos em tudo o que é mostrado pelos meios de comunicação.

Símbolos, signos, estereótipos fizeram parte da construção das capas. Analisar, perceber o que está sendo mostrado nas entrelinhas desse processo, torna a singularização das identidades um exercício meu e dos colaboradores, que precisam perceber como se constituem, como se mostram, como pensam que são, através da busca de imagens que possam traduzi-los da forma mais objetiva possível.

Percebi que, no momento em que cada um foi convidado a escrever sobre si, os colaboradores se sentiram muito à vontade em colocar no papel suas qualidades, defeitos, vivências e vontades. Escreveram, ainda, que *gostavam quando estavam*

*falando de si*⁵. Percebo que no momento do encontro foi uma das poucas situações em que eles foram instigados a pensarem e falarem sobre si, a se posicionarem enquanto indivíduos.

O bairro onde a creche fica situada é habitado por um grande número de catadores de materiais reciclados, o que favoreceu o diálogo quando fiz a relação entre a arte e o lixo, que se deu, posteriormente, a partir do dispositivo fílmico “Lixo extraordinário” produzido pelo artista plástico Vick Muniz dentro do aterro sanitário Jardim Gramacho no Rio de Janeiro. Durante o filme, os alunos passaram a comentar que conheciam muitos catadores no bairro, e que alguns de seus familiares faziam coleta seletiva. Esse exercício de legitimar o catador, que acontece no vídeo, propiciou a abertura dos alunos frente à realidade do bairro, a fim de perceberem e se interessarem pelo que está acontecendo nos arredores de suas casas e da própria creche.

Na troca grupal, entre uma conversa e outra, percebi a subjetividade muito evidente. Cada um fazia essa relação com o outro de uma forma única, o que também se caracteriza como singularização da identidade. Esta troca, esta relação com o outro torna o encontro muito rico.

Utilizamos retratos fotográficos de cada um dos colaboradores como base para nosso último trabalho. Como maneira de construir esses traços de uma forma diferente, que não somente desenhando, inserimos objetos do cotidiano de cada um que fossem reciclados, assim cada um deveria encontrar estes materiais para comporem seus desenhos.

Alguns colaboradores não se preocuparam em delimitar os espaços, em deixar claras suas expressões faciais e corporais, fatores que podem remeter a um significado relevante dentro da singularização da identidade. Percebo essa falta de contornos unido às ações e falas que em alguns momentos são como um não encontrar-se, um não perceber-se como indivíduo presente e necessário aos outros e a si mesmos. Alguns colaboradores da pesquisa não evidenciaram mudanças na singularização de sua identidade e, principalmente, de sua subjetividade. Suas ações frente ao grupo se deram de forma muito tímida, não dialogando com a turma, não se deixando levar pelos encontros e pelas propostas.

⁵ Fala dos colaboradores.

Fechamentos abertos de singularizações e subjetivações

Os processos de construção das subjetividades e de singularização das identidades estabeleceram-se de uma forma em alguns momentos superficial, pois em determinados encontros os alunos não se envolveram tanto no projeto, nas propostas. Pude perceber que o interesse foi maior quando assistimos ao vídeo/documentário *Lixo extraordinário* que prendeu a atenção da grande maioria, talvez por mostrar, com um enfoque diferenciado, uma realidade muito próxima à deles.

Percebi ainda que a cultura visual foi um elemento chave no processo de construção das subjetividades dos pré-adolescentes, pois estabeleciam diálogos com os colegas em decorrências das imagens presentes nos encontros e no cotidiano de cada um a troca de reflexões mostrou-se com certa maturidade por parte dos colaboradores, pois se mostraram abertos a troca e a relacionaram-se com os colegas de forma dinâmica.

Por mais que em alguns momentos os alunos não explicitassem de uma forma mais direta suas identidades a fim de que fosse possível percebê-las nas falas ou nas escritas, mostravam-nas em diferentes comportamentos e construções plásticas que diziam muito de como cada um se constitui como indivíduo. As subjetividades foram instigadas a serem construídas através da troca de informações com os colegas. Nestas trocas pude ter um olhar um pouco mais distanciado, percebi que os colaboradores podiam se entender como sujeitos, dada a necessidade de tomarem posicionamentos durante todo o momento de conversa.

Acredito, ainda, que esses processos continuam a afetar os colaboradores da pesquisa, pois, estas vivências e experiências fizeram parte de um trecho de suas histórias pessoais e da história do grupo como um todo.

Referências

CRECHE ESTAÇÃO DOS VENTOS. Disponível em: <www.crecheestacaodosventos.blogspot.com> Acesso em: 23 de maio. 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite a deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. (Org.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 31 – 49.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*. Proposta para uma nova narrativa educacional. Trad. Ana Death Duarte. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. Direção de Lucy Walker. Rio de Janeiro: Angus Aynsley, Hank Levine, 2009. (99 min), son, color.